

O Eu na épica: espaços da subjetividade na poesia épica iberoamericana do século XIX

A poesia épica – tal como nos apresenta a narrativa da história literária – se converte, sob as condições intelectuais do Romantismo, em um tipo textual problemático, no que diz respeito às exigências tradicionais dos gêneros literários. Por esse motivo, viria a epopeia a ser substituída pelo romance como gênero principal na modernidade emergente. Sem pretender em princípio revidar esse lugar comum da crítica, há que chamar a atenção para o fato de que, precisamente no mundo iberoamericana – na Espanha e em Portugal, na América Hispânica e no Brasil – a poesia épica, mesmo depois da revolução romântica, segue ocupando uma posição central e com frequência mesmo canônica. Isso vale para textos inovadores como *El diablo mundo*, de Espronceda, na Espanha, ou para o *Martín Fierro*, de José Hernández, na Argentina; mas também para textos de viés mais tradicional, como *Tabaré*, de Zorrilla, no Uruguai, e *Canigó*, de Verdaguer, na Catalunha. Em Portugal, o Romantismo chega mesmo a ser inaugurado por um poema épico, o *Camões* de Almeida Garrett.

Se é verdade que uma tendência à objetividade encontrada na épica do século XVIII pôde ganhar continuidade no século seguinte em textos de formato neoclássico como *El paso honroso* (1820), do Duque de Rivas, também se pode afirmar sobre os textos antes apontados (assim como muitos outros), que, sob o signo do Romantismo, abrem-se novos espaços para o desdobramento da subjetividade em diferentes instâncias. Eles prolongam a tradição épica, e a modificam, transgridem-na e dela por fim se despedem. Para os românticos, e também seus pósteros, o trabalho com a epopeia e o debate com a tradição épica seguem sendo um campo central de inovação literária. Ao fim, na dinâmica de inovação, viria a epopeia a ocupar de fato uma posição marginal. Contudo, a antecipação do seu desaparecimento impede, muito frequentemente, um olhar sem preconceções sobre as soluções estéticas que, num número considerável de textos, são apresentadas para o campo de tensões entre a subjetividade romântica e a épica tradicional, ancorada na coletividade. Na poesia épica, constrói-se um espaço no qual a autoconstituição do eu na sociedade é negociável. Os narradores e personagens diegéticos de poetas ganham com isso novas funções. Em um caso particular, como o poema gauchesco *Celiar* (1852), de Alejandro Magariños Cervantes, o eu-narrador constitui-se como herói romântico “de segundo grau”. Na mesma direção aponta a abertura da épica para a introspecção de seus protagonistas – como nos poemas sobre Colombo, de Campoamor e de Ciro Bayo. A inserção de poemas dentro do poema e a quebra da narrativa pela introspecção apontam para uma “lirização” da épica e contribuem para a problematização do gênero: os *Cantos del peregrino* (1847-1857), de José Mármol, são tão dominados pelas reflexões do narrador que uma diegese épica já quase não se constrói mais. A epopeia do brasileiro Sousândrade, *O Guesa* (1868-1884), por fim, suprime o distanciamento narrativo, a ponto de a voz narrativa e a fala do herói parecerem dissolver-se uma na outra. Esses exemplos da reconfiguração da épica nos níveis do narrador e da diegese deixam-se compreender como a dupla constituição da busca épica pela identidade: ao lado da coletiva, sobretudo nacional, há a identidade individual do sujeito.

Um projeto de pesquisa financiado pela agência alemã DFG em Bochum vem há dois anos se dedicando à exploração da ampla tradição textual da Península Ibérica e da América Latina, com foco em campos centrais da inovação, a partir dos conceitos chave autenticação, heroicidade, transgressão de gênero, autorreflexividade e subjetividade. Contra esse plano de fundo, pretendemos, em nosso colóquio, investigar exemplos paradigmáticos dos desdobramentos subjetivistas da poesia épica, bem como enfatizar, particularmente, pontos de conexão com esses desdobramentos no campo literário e no discurso teórico.